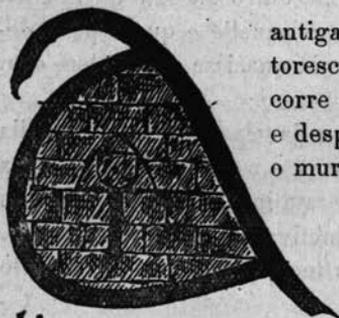


Memoria sobre o concelho de Sabugal

(Continuação. Vid. *O Arch. Port.*, xi, 50)

A antiga villa



Ha Torre de ge-
ragem.

antiga villa do Sabugal foi edificada num pitoresco outeiro, abraçado pelo rio Côa, que corre entre salgueiros e verdejantes amieiros, e desperta constantemente os habitantes com o murmúrio da sua corrente e monotonó ruido das suas frescas aguas, que dos açudes se precipitam em graciosas cachoeiras.

Tem ainda actualmente grandes lanços de muralhas, mas não existem no recinto da antiga villa vestígios de edificios notaveis. As casas eram pequenas, da mais singela apparencia, grande parte de cantaria e schisto, ligadas com

simples barro, porque o elevado preço da cal não permittia aos moradores o luxo de rebocarem as habitações.

Seria temeridade affirmar que existam ainda casas da primitiva povoação. Uma das mais curiosas que ali ha, fica proxima da torre de vigia, vulgo do relógio, dizendo-nos a sua dona que lhe constava ter feito parte dos paços do concelho. É uma das poucas, que noutros tempos foram rebocadas e nella se notam portaes e janelas de um estilo característico, pouco vulgar.

No interior ha tambem dois portaes e um armario, aproveitado para cantareira, tendo duas divisões construidas de finissimo granito, cercado de um bordão a imitar corda. Tanto esta casa como a porta da igreja de Santa Maria devem ser da epoca Manuelina.

Perto da referida casa pertencente, ao tempo em que a visitámos, a Isabel do Ferreiro, existem outras, pertencentes ao Sr. Joaquim José das Povoas, que eram das mais antigas da villa e restauradas em epoca não muito remota.

No quintal vimos uma grande pedra de armas, que ha muito tempo fôra apeada do edificio para o seu dono evitar ser collectado pelo uso do brasão de armas. O abuso da parte do fisco fez desaparecer algumas preciosidades archeologicas, num protesto dos proprietarios de edificios antigos contra os vexames praticados por certos escrivães de fazenda.

Emoldurado por um artistico paquife de folhagens, vê-se um escudo esquartellado, com dois castellos e dois sabugueiros nos quartéis

opostos, encimado por um elmo e um castello por timbre. Está bem conservado. É a unica pedra de armas onde existem os sabugueiros, que fazem parte das armas d'esta villa e d'onde os antigos chronistas dizem que derivara o nome. Convem notar, todavia, que, embora nas cercanias da villa abundem os sabugueiros, outro arbusto ali abunda mais, que á primeira vista se confunde com aquelle e que o povo denomina *ingre*, cuja folhagem e inflorescencia quasi se confundem com a do sabugueiro.

Aqui e alem apparecem ainda portaes e janelas, no estilo da villa do Touro, algumas trazidas de outras casas e a contrastarem com a pobreza das paredes onde piedosamente foram introduzidas por algum pedreiro ou proprietario pobre, numa instinctiva devoção pelo passado.

Restos de columnas e pedras curiosas teem raramente apparecido na antiga villa.

Perto da casa da Torre jaz ainda ao desamparo o resto de uma pedra de armas onde a flor de lis nitidamente se destaca ainda no escudo, que era encimado por um elmo. Tudo o mais é imperceptivel.

Diz-se que junto d'esta casa havia outr'ora uma columna indicativa do privilegio do couto, e a pouca distancia uma torre de que não existem vestigios.

Mui perto d'esta casa, do outro lado da rua, tambem de tristissima apparencia, existe outra, hoje convertida em casa de forno, que dizem ter sido das melhores da villa. Ali, onde hoje vivem uns pobres trabalhadores, viveram outr'ora homens poderosos, e, em vez de alcatifas, sedas e panos de Arrás, nota-se lá apenas o tapete formado pela folhagem de carvalho, giesta, urze e rosmaninho, condemnados á fogueira.

A villa occupava pequena area, cercada de altas e fortes muralhas, construidas com grossas camadas de granito, de longe transportado, porque ali o solo e os rochedos são de chisto.

Nem da casa que foi palacio de D. Denis, e onde varias vezes se alojou e a que se referem a tradição oral e escrita, nem de outros palacios de familias illustres existem hoje vestigios, porque o tempo e o vandalismo hespanhol e francês tudo destruíram e transformaram ou fizeram desaparecer.

A igreja de Santa Maria do Castello

Perto da cidadella e a leste da mesma, orientada de poente a nascente, foi edificada a antiga matriz da freguesia de Santa Maria, templo antigo, da mais singela architectura, construido de grossa silharia granítica. Tem uma só nave.

Na parede da capella-mór, á direita, está um escudo espartilhado, tendo em duas quartellas a cruz de Avis e nas oppostas nove castellos e em volta outros nove castellos.

Existe ainda a pia baptismal e o pulpito, já sem parapeito, ambos com simples ornatos.

Na capella lateral, do lado norte, devemos notar as columnas de fino granito, cujos capiteis assentam sobre cordas enroladas que lhes servem de astragalos. A base das columnas é quasi o capitel invertido.

O portico da igreja, aberto no frontispicio, ao poente, é em arco simples e da maior singeleza.

Um campanario, igualmente singelo, assenta sobre a parede do sul, tendo apenas a espessura d'esta, erguendo-se no angulo que separa o corpo da igreja da capella-mór. Tem duas sineiras ou ventanas, como ali vulgarmente se diz, e sobre o entablamento uma cruz entre duas singelas pyramides.

D'este mesmo lado da igreja vê-se uma lapide escura, parecendo de schisto, cujos caracteres são illegiveis.

Esta humilde igreja foi a matriz da freguesia extincta no seculo passado, sendo um dos ultimos abbades o padre Manuel Correia, que tão perseguido foi durante as lutas entre D. Pedro e D. Miguel, soffrendo resignadamente um anno de prisão na cadeia do Limoeiro, onde seus inimigos politicos lhe infligiram grandes tormentos.

Era um parochio illustrado, mas intransigente Miguelista. Estando um dia ensinando doutrina na sua igreja, o filho de um dos partidarios de D. Pedro não respondeu a uma pergunta muito simples, o que provocou ao velho abade esta censura: « Se lhe mandassem cantar a constituição... »

Aquella phrase simples, embora imprudente, bastou para que, d'ali a poucos dias, o conduzissem ao Limoeiro, onde soffreu rude tratamento, que lhe apressou a existencia.

Foi esta freguesia annexada á de S. João, unica que hoje existe das cinco que dizem ter havido—S. Pedro, Santa Maria Madalena, S. João, S. Tiago e Santa Maria do Castello.

Só existem actualmente as igrejas respectivas de S. João e Santa Maria do Castello; todas as outras foram ha muitos annos demolidas. Como recordação, em certas epocas do anno e nos domingos da Quaresma, o parochio e o povo em procissão visitam ainda o local onde existiram as igrejas demolidas e ajoelham ali devotamente, cantando em côro.

Diz-se que nesta igreja existia uma collegiada, como noutras villas do país; mas faltam-nos provas para podermos asseverar a existencia d'ella.

Para terminarmos esta rapida noticia a respeito da igreja de Santa Maria, diremos ainda que nella jazem, em sepultura rasa, os restos mortaes de D. Rosa Marcellina, senhora muito virtuosa da casa de Sortelha, a quem o povo sincera e ingenuamente considera santa, indo orar sobre a sepultura d'ella, d'onde leva terra para a cura das sezões e outras doencas!

Em 1757 tinha a freguesia de Santa Maria 125 fogos. O abbade que era da apresentação do bispo, recebia de congrua 150\$000 réis.

Origens da villa

Muito se tem devaneado a respeito da fundação da antiga villa do Sabugal, sem que, infelizmente, se apurasse qual a data verdadeira em que a povoação teve começo. Tem-se dito que foi fundada por Affonso X de Leão em 1220, opinião refutada pelo illustre sabugalense Sr. Antonio José de Carvalho, que entende ter sido reedificada por aquelle rei e não fundada, «porque pouco depois, em 1224, Fernando III, de Castella, e seu primo D. Sancho II, de Portugal, ali estiveram para terminarem as contendias entre Portugal e Leão por causa da rainha D. Tareja; e, em quatro annos, não se fundava uma villa com todos as commodidades indispensaveis para receber dois reis». (*Rosa da Montanha*, p. 200).

Effectivamente Fernando III, filho de Affonso IX, de Leão, e da rainha D. Berenguella ou Berengaria, ali teve com seu primo D. Sancho II uma conferencia por causa das filhas de D. Teresa e do referido Affonso IX, que em testamento indicara D. Sancho para lhe succeder no throno.

Já pouco antes D. Berengaria e D. Teresa¹, cujos casamentos com Affonso IX foram annullados, se reuniram em Valença, para decidirem dos interesses de seus filhos; mas a primeira esposa cedeu á segunda a troca da pensão annual de trinta mil morabitanos, para as filhas D. Sancha e D. Dulce, isto em fins do anno de 1230 ou começo de 1231.

D. Sancho, o infeliz ulteriormente desthronado, não conseguiu, para aquellas, vantagens maiores e apenas cuidou de rehaver a praça de

¹ Lafuente celebra a formusura d'esta filha de D. Sancho I, e Florez (*Reinas Catholicas*, t. 1) d'ella diz que: arrebatava la atención de cuantos la miraban, y que a sus gracias naturales unia un juicio e una discreción superiores a sua edad, con unos dotes e prendas sobrenaturales en el alma que las hacian parecer una imagem pintada por mano del soberano artifice para tener en ella sus delicias». (Lafuente, *Historia de España*, t. III, p. 338).

Chaves, que estava em poder de Leão, e garantir a combinação feita pelas duas rainhas, ficando os dois reis aliados. De passagem diremos que D. Teresa casara com Affonso IX em 1191, e em 1196 era annullado o casamento por Celestino III.

Affonso casou depois com D. Berenguella, princesa castelhana, mas este casamento foi tambem annullado, sendo os infelizes esposos absolvidos por commissão do papa Innocencio III, pelos bispos de Toledo, Santiago, Palencia e Zamora, em 1204.

Diz-se que o dito Fernando III, o Santo, dera foral á villa, mas tudo nos leva a crer que a esse tempo já devia ser povoação importante e que ali demoraram os Arabes e Romanos, ligados aos primitivos habitantes. Talvez algum castro ou restos do dominio romano attrahissem as attencões de novos povoadores. Mas quem foram estes e quando foi edificada a villa? Querem alguns que a villa do Sabugal fosse edificada pelos moradores do Sabugal Velho, de que noutro logar nos occupamos e que fica proximo de Aldeia Velha, num elevado outeiro onde existem ruínas de uma povoação muito antiga (vid. *O Arch. Port.*, x, 199 sgs.); mas julgamos que as duas povoações coexistiram desde longos tempos, embora possa crer-se que os moradores do Sabugal Velho abandonassem este e fossem para o outro. E nada obsta a crer que os dois existiram na mesma epoca e que tivessem igual nome. Tudo isto porem é problematico.

Sabugal quer dizer «logar com sabugueiros», e havendo tantos no Sabugal não era mister que lhe viesse o nome de outra povoação.

Não é sequer admissivel a hypothese de ter sido fundada a villa por Affonso X, affirmando alguns escritores que já seu pae, Fernando o Santo, lhe dera foral, que indica ser a esse tempo povoação importante, dando-lhe privilegios grandes para facilitar-lhe mais o seu desenvolvimento; e o facto de receber ali o rei de Portugal, D. Sancho II, seria já prova da importancia da villa. É certo que na Torre do Tombo não existe esse foral, nem em *Franklin* nem nos *Portugalia Monumenta Historica*¹. O Sabugal Velho parece ter sido povoação de tempos mui remotos, e iguaes indicios ha a respeito da villa de que nos estamos occupando.

Em 1897 o fallecido Bernardo Rasteiro, quando arroteava um chão perto do outeiro da fonte, achou uma lapide sepulcral, que nos cedeu e depois offerecemos ao Muséu Ethnologico em 1904.

¹ O Sr. Pedro A. de Azevedo, em resposta ao meu amigo Dr. Felix Pereira, diz que na Torre do Tombo não ha noticia do foral dado pelo rei de Leão ao Sabugal.

A lapide tem na cabeceira uma estrella de cinco raios, em baixo-relevo, e em seguida a seguinte inscripção:

AMB

ATVS

MLG

EINIF

H S E

Creemos que deve ler-se: *Ambatus, filho de Malgeinus, está aqui sepultado.*

A lapide tem as costas abauladas e a cabeceira é curva. Tem tres quadrilateros, delimitados por sulcos abertos no granito, um d'elles mutilado e que devia ser igual ao da cabeceira; mas só este tinha aberta uma estrella cujos raios avultam num circulo cavado na pedra.

Já numa inscripção, publicada a p. 78 d-*O Archeologo Português*, vimos o nome *Ambatus*; e tambem noutra inscripção, publicada no vol. IX do *Portugal Antigo e Moderno*, apparece *Ambatus*, V. S.^a do Campo¹.

Varias vezes ouvimos dizer no Sabugal que ali tinham apparecido sepulturas feitas com tijolos e argamassa, mas d'ellas não restam indicios actualmente. No quintal do fallecido escrivão do juizo de direito da comarca do Sabugal, Francisco de Almeida Carvalho, appareceu em 1904 um sêllo de cobre onde se lê «sêllo do concelho de Buena Ventura», o qual offerecemos ao Museu em nome do illustre extinto².

Moedas do reinado de Affonso IX, de Leão, teem apparecido algumas de prata e cobre, e de crer é que mais appareçam ainda, assim como lapides e inscripções que possam contribuir para o esclarecimento do assunto.

Quando D. Denis tomou posse do Sabugal, era a villa uma povoação importante, por certo a mais notavel de Riba-Coa, e já a esse tempo se tinha estendido pela planicie até a Madalena, em cujo sitio existem ainda fazendo parte dos muros dos quintaes algumas pedras com a cruz de Christo. Não é provavel que sendo a povoação fundada, como alguns dizem, por Affonso X, o sabio rei de Leão tivesse florescido tanto em tão curto espaço de tempo, como o que durou desde então até D. Denis.

¹ Cf. tambem *Religiões da Lusitania*, de J. Leite de Vasconcellos, t. II, p. 89.

² Vid. *O Arch. Port.*, XI, 289.

A falta de documentos e provas irrecusaveis deixa-nos em simples conjecturas, que outros mais esclarecidos e estudiosos poderão talvez desfazer; mas taes conjecturas não podem chegar ao ponto de admitirmos a hypothese, pouco verosimil, da fundação da villa no tempo de Affonso X, nem mesmo de seu pae Fernando III, de Leão, pelas razões atrás expostas.

O castello do Sabugal

Se tem havido duvidas a respeito da origem e data rigorosa da fundação da antiga villa, duvidas existem tambem a respeito da epoca em que foi edificado o castello do Sabugal. (Vid. *O Arch. Port.*, XI, 62).

Tanto a tradição escrita como a oral nos asseguram que fôra edificado por D. Denis, e a tal respeito se lê na *Monarchia Lusitana* que «acrescentou (D. Denis) com maior perfeição todas as povoações, cêrcas e castellos e no Sabugal fez um castello com uma torre de cinco quinas, como a de Coimbra, e no fecho da mais alta abobada está o escudo das armas reaes». A tradição escrita é confirmada pela oral, e até por fórma poetica na seguinte quadra:

Eu el-rei D. Denis
Ponte, fonte e castel fiz;
E quem dinheiro tiver
Fará o que quiser.

Esta quadra, que tem, como havemos de ver, uma variante, é conhecida de toda a gente do concelho do Sabugal e limitrophes.

O notavel critico e distincto literato Sr. Ramalho Ortigão, na sua interessantissima obra *Banhos de Caldas e aguas mineraes*, p. 69, dá-nos a variante d'aquella quadra popular, precedendo-a das seguintes considerações:

«São lindissimas as paisagens nas affluencias de outros rios, como o Tua, o Tamega e o Coa, sobre o qual existe uma ponte do tempo de D. Diniz com o seguinte letreiro, que exprime de um modo curiosamente democratico uma das prerogativas da coroa.

Esta fez el-rei D. Diniz
Que fez tudo quanto quiz
Que quem dinheiro tiver
Fará o que quizer » .

Esta variante, certamente referida ao castello do Sabugal e que se encontra nas antigas chorographias, apenas se refere á ponte, ao contrario da primeira, que explica a origem do castello, ponte e fonte do Sabugal.

Por mais esforços que empregámos nunca conseguimos encontrar o famoso letrado, que a tradição popular assevera existir na ponte e alguns escritores, mal informados, na abobada da torre de menagem.

O illustre escritor e distincto coronel do nosso exercito Sr. Abel Acacio sustentou ha annos, em artigo publicado no *Occidente*, que o castello do Sabugal fôra edificado antes de D. Denis, dizendo, a proposito d'esta quadra, que ella destoa da orthographia do seculo XIII e que por isso não deve ter importancia.

Antes de dizermos o que a tal respeito nos occorre, seja-nos licito transcrever d'aquella notavel revista parte do referido artigo: «A disposição do local d'aquella importante obra de defesa induzem-nos a recuar, para lá de D. Denis, a data da sua construcção. Com effeito, se o castello tivesse sido edificado pelo monarcha povoador, parecia natural que o seu destino seria a defesa da povoação contra os ataques leoneses e serracenos, e portanto seria mandado levantar a leste da povoação, entre esta e a fronteira. Ora precisamente o contrario, isto é, o castello e a torre de menagem seguem-se a oeste da villa, tendo por fosso natural o Coa, olhando portanto o interior do país, e como sendo atalaia de qualquer ataque das bandas da Guarda» (*Occidente*, n.º 279).

Como se vê, o argumento capital em que este illustre escritor fundamenta a sua opinião consiste no facto de ter sido edificado o castello a oeste da antiga povoação, devendo ter sido a leste, se porventura fosse edificado no tempo de D. Denis, para assim melhor defender aquella, pelas razões expostas neste artigo.

Temos o maior respeito a tão autorizada opinião; parece-nos, todavia, que ella não destroe a opinião, ha longos annos firmada a tal proposito.

Não contestavamos que ficasse o castello melhor a leste que a oeste da villa, se porventura a raia de Leão ficasse mais proxima e d'este lado houvesse melhor ponto estrategico; mas, ficando a raia a mais de 15 kilometros e a antiga villa havia muito tempo cercada de fortissimas muralhas, que já não podiam cingir o povoado mais moderno, apesar de constar que houvera outra muralha, parece-nos que grave erro teria commettido D. Denis edificando o castello noutro ponto, sabendo-se que d'alli se domina um vastissimo horizonte, que abrange terras de Leão, sobretudo do alto da torre de menagem, edificada no ponto mais elevado do outeiro.

As muralhas, como era natural, serviam para a defesa da povoação; mas esta alargou-se e d'ellas se desprenderam, provavelmente já no tempo d'aquelle rei, os moradores da villa.

Nestas condições, e na impossibilidade de levantar novas muralhas á medida que a povoação se dilatava, era natural que D. Denis não desprezasse o que havia e edificasse o castello naquelle ponto.

Dentro das muralhas da villa, e em caso de aperto no castello, se acolhiam com seus haveres os moradores, quando os inimigos a atacassem. Talvez as obras não obedecessem aos mais rigorosos preceitos da arte de fortificar, mas qualquer falta que porventura alli



Fig. 1.^a

possa notar-se, de modo nenhum nos autoriza a concluir que o castello não tenha sido edificado por ordem do rei lavrador. Poucos castellos conhecemos tão fortes, e poucas torres de menagem tão elegantes e elevadas como esta de que vimos falando.

Que o castello não foi edificado na mesma epoca em que o foram as muralhas de cintura é facil verificar-se. Basta comparar as grossas e toscas camadas de cantaria granitica, sem argamassa, da antiga muralha com os muros da cidadella e da torre para concluirmos que foram edificados em epoca differente. (Fig. 1.^a).

Todas de tosea cantaria, as antigas muralhas differem das da cidadella em que estas, exceptuando os cunhaes, portaes, varandas, frestas,

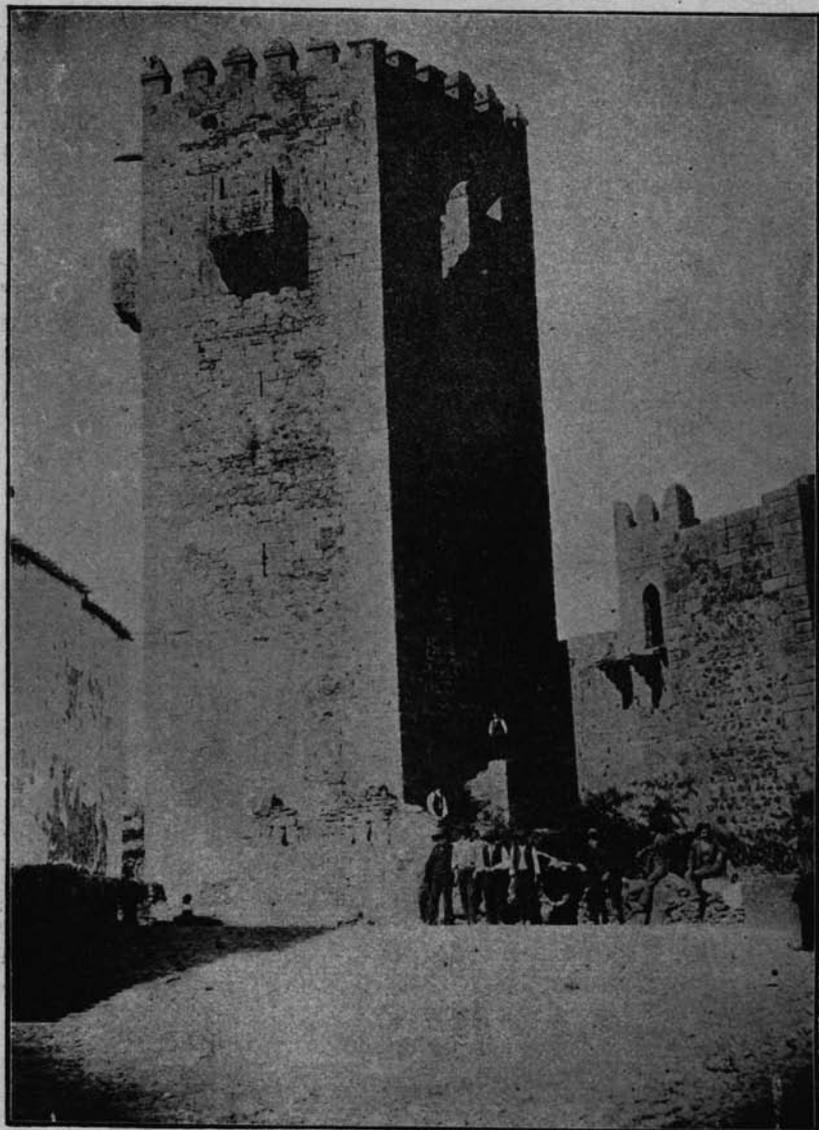


Fig. 2.^a — O Castello do Sabugal

abobadas, escadarias e ameias, como vulgarmente se chama aos denticulos ou cubos que coram os muros e a torre, são de alvenaria, ligada com a mais forte argamassa.

Onde melhor se observa a differença de estilo e solidez de construcção é do lado occidental, onde sobre as grossas, primitivas e denegridas camadas graníticas da muralha antiga, assentaram o elevado muro que forma um dos lados do pentagono.

D'este mesmo lado e na antiga muralha foi aberta uma porta ogival em epoca que não podemos determinar com rigor, mas que presumimos ser a da edificação do castello, attendendo a que no castello e torre existem portas iguaes.

A tudo isto devemos ainda acrescentar que na face leste da torre de menagem está insculpido o escudo com as quinas numa pedra que serve de verga á balesteira inferior, o que grandemente concorre para diminuir a duvida, porque não é admissivel que alli fosse embutido por D. Denis ou outro monarcha portuguez anterior a elle, já pelo modo como está assente, já porque, embora antes d'este reinado os portuguezes alli tivessem dominio, este se existiu foi de curta duração e d'elle não restam vestigios, como vimos quando nos occupámos das terras de Riba Coa. (*Veja-se a letra inicial*).

Nem o facto de a quadra destoar da orthographia do sec. XIII deve causar embaraço, porque não tendo apparecido o letreiro não se sabe em que orthographia estava insculpido. Mas por não ter apparecido não podemos concluir que não tenha existido, na ponte ou noutra qualquer parte.

Ou a quadra tenha foros de lenda ou existisse realmente em parte hoje desconhecida, certo é que o sentido d'ella se adapta perfeitamente á tradição escrita e oral e não repugna acreditar que ella existisse, importando pouco o facto de destoar da orthographia do sec. XIII, porque, qualquer que fosse a origem d'ella, era natural que a fossem adaptando ao estilo das épocas posteriores. As duas variantes que apresentámos são mesmo a prova d'isso.

Por tudo isto parece-nos não restar duvida de que o castello e torre de menagem foram edificados por ordem de D. Denis, que varias vezes esteve em Riba Coa, onde radicou o dominio portuguez, e por isso tinha necessidade incontestavel de fortificar as villas, sobretudo a do Sabugal, que devia ser a povoação mais importante. Vid. fig. 2.^a

Tal é, segundo o nosso humilde criterio, o que nos occorre dizer a respeito da origem e castello do Sabugal, consagrado ha muito pela poesia popular na seguinte quadra:

Castello de cinco quinas
Na no ha em Portugal
Senão ó cimo da Coa
Na villa do Sabugal.

De cinco quinas é tambem a torre da Guarda, a que o povo impropriamente chama castello; mas não tem a altura nem a elegancia da do Sabugal.

Nas obras de fortificação do Sabugal ha pelo menos tres estilos, correspondentes a tres epochas distinctas.

O primeiro, cuja data não é possível determinar, que pode remontar ao periodo leonês ou ir mais além, é caracterizado pela fórma tôsea e singela da construcção, como se observa nas velhas muralhas e na parte inferior a leste da cidadella; o segundo, que julgamos ser do tempo de D. Denis, é caracterizado pela solidez e maior perfeição, notando-se mais sobriedade no emprego da cantaria, substituida por alvenaria, ligada com admiravel argamassa, dando ás muralhas tal solidez que é mais facil partir que desligar os pedaços de chisto de que são formadas; o terceiro é da epocha Manuelina, como se nota no portal, onde se erguia a ponte movediça, a nordeste, e perto da torre de menagem, aberta no muro que corria ao longo do fosso e cercava as altas muralhas da cidadella.

Sobre a verga d'esse portal, ladeando o escudo das quinas, estão em relevo duas esferas, semelhantes ás do arco da villa, nome dado ao arco contiguo á torre de vigia, de que havemos de falar, com a differença de que nesta o escudo é encimado pela coroa real.

(*Continúa*).

JOAQUIM MANOEL CORREIA.

Um documento da historia de Bragança

Á guisa de distracção, nas minhas horas de ocio, que não são muitas, rebusco documentos historicos ou artisticos, e, sempre que se me offerece ensejo, não deixo, por minha vez, de os passar a mãos de pessoas que lhes saibam dar o devido apreço e a quem sirvam de elemento de estudo.

Sabendo pelo *Elucidario* de Viterbo que no cartorio dos Figueiredos Sarmento, d'esta cidade, deviam existir bastantes documentos, procurei o Sr. P.^o Francisco de Figueiredo Sarmento, actual representante da casa, que teve a bondade de me deixar examinar os papeis que possui e levou a gentileza a offerecer-me diversos pergaminhos que reputo valiosos e dos quaes, em occasião opportuna, farei entrega ao Museu Ethnologico, conforme os desejos manifestados pelo meu amigo o Sr. Dr. José Leite de Vasconcellos.

O manuscrito que abaixo transcrevo não pertence áquella collecção; pertencia ao antigo archivo da Camara Municipal de Bragança, e